

# O homem que viu o infinito: arte, sublimação e criatividade na psicanálise

Gildo Katz<sup>1</sup>

**Resumo:** O autor, a partir do filme *O homem que viu o infinito*, procura relacionar a arte, a sublimação e a criatividade na psicanálise. Ao investigar as ideias do matemático Ramanujan considera que sua capacidade lembra a excepcional inteligência de Leonardo da Vinci. Para ele, ambos seguiam uma lógica na qual as representações do pensamento se articulavam numa perspectiva infinita. Considera que um excesso de subjetividade perturbava o espírito científico do matemático uma vez que, em seu intenso misticismo, imaginava suas equações sem entender o que elas significavam, pois as recebia em sonhos da deusa Namagiri. Chama a atenção para a relação entre a sublimação de pulsões que sucumbem ao recalque com a criatividade, porque a arte comunica algo a partir dos conflitos internos do artista. Finalmente, cita Freud, que sustentava que o que nos prende poderosamente a uma obra é a intenção desta em despertar em nós a mesma atitude emocional que produziu no artista o ímpeto de criar.

**Palavras-chave:** Arte. Criatividade. Freud. Psicanálise. Sublimação. Ramanujan.

## Introdução: a história de Srinivasa Ramanujan

Assisti recentemente ao filme *O homem que viu o infinito*, de Matt Brown. Trata-se da vida e da carreira acadêmica de um gênio da matemática chamado

---

<sup>1</sup> Membro Fundador, Titular e Didata da SBPdePA.

Srinivasa Ramanujan. A ação se passa na década de 1910. Ramanujan é um homem de inteligência sem limites cuja pobreza abjeta de sua casa em Madras, na Índia, não pôde esmagar. Sem formação acadêmica, sozinho com sua confiança sem limites, a partir de um único livro recria tudo o que já fora feito na matemática. Começou a frequentar uma universidade local como ouvinte, e seus professores, percebendo suas qualidades, aconselharam-no a enviar os resultados de seus trabalhos ao renomado Godfrey Harold Hardy, um professor de matemática britânico notável, que, impressionado, considerou seu trabalho como uma obra de arte, um exemplo incomum da criatividade humana. Hardy, então, convida-o a continuar a desenvolver seus cálculos e teoremas na Trinity College em Cambridge, uma instituição que se orgulhava de ter tido entre seus membros, ninguém menos do que Isaac Newton.

Ramanujan, levando em frente o seu amor pela matemática e o desejo de ver publicados seus teoremas, contraria sua família, deixa sua jovem esposa Karina e aceita o convite de Hardy para continuar seus estudos e trabalhar com ele. Lá, ele encontra uma série de dificuldades em função de que suas teorias intuitivas e seus valores culturais colidem com os rigorosos requisitos de acadêmicos de Trinity e dos preconceitos raciais de uma Grã-Bretanha em plena guerra mundial.

Certa vez, assistindo com enfado uma aula no qual um professor formula parte de um teorema, este pede que ele o complete. A rapidez com que o hindu conclui o que o professor ainda não tinha conseguido formular desperta neste uma raiva incontável, a partir da qual ataca Ramanujan impiedosamente. O ataque invejoso por parte do importante membro do *establishment* o leva, praticamente, a só estabelecer contato com seu mentor. Perguntado como imaginava suas equações, dizia não saber e sequer entender o que elas significavam. Diante da incredulidade de todos, refere que recebe em sonhos as ideias de uma deusa hindu de nome Namagiri. Também sustentava que seus cálculos só teriam valor se expressassem um presente de Deus aos homens o que era algo impensável para os medalhões da vetusta academia. Ele precisaria provar o que formulava, mas isso o incomodava, pois perturbava sua incessante imaginação. Hardy, então, ajuda-o a comprovar suas intuições para publicá-las. Após enfrentar uma forte oposição, consegue ingressar na Royal Society de Ciências e torna-se professor em Cambridge.

A história de Ramanujan lembra Leonardo da Vinci, sobre o qual Freud fez um extenso trabalho que, entre outros temas, examina o processo de sublimação. Assim como o homem que viu o infinito, a inteligência de exceção de Leonardo segue uma lógica na qual as representações do pensamento se articulam numa perspectiva infinita. Resulta daí uma inflação do imaginário e de abstrações cujo

intuito era descobrir nada menos que o ritmo do mundo. Da mesma forma que o hindu, um excesso de subjetividade perturbava o espírito científico de Leonardo. Ele era capaz de negligenciar certas evidências científicas em prol de uma lógica pessoal: suas descobertas surgiam a partir da sublimação da pulsão de saber ou, nas palavras de Kant, de intuir, de imaginar. Outra semelhança com Ramanujan era a aparente ausência da sexualidade, ambos não tinham outros interesses afora o trabalho. A força pulsional não inibida por ser dessexualizada, provavelmente, permitiria a Leonardo e ao hindu uma liberdade de pensamento e de imaginação que bordejavam o limite do humano e talvez o ultrapassassem.

Após cinco anos de trabalho em Cambridge, com a saúde abalada pela tuberculose, Ramanujan resolve retornar ao seio familiar e de lá trabalha de forma frenética com o seu mentor e amigo. Por fim, é reconhecido como um dos maiores estudiosos modernos da Índia e o homem que quebrou uma barreira entre dois mundos diversos.

Ramanujan morreu em 1920, aos 32 anos, e seu legado permanece até hoje. Seus trabalhos de análise matemática, da teoria dos números, das séries infinitas, das frações continuadas, das partições foram fundamentais para o desenvolvimento de projetos espaciais, de informática, para o aprofundamento nos estudos da antimatéria e dos buracos negros, entre outros.

Após a sua morte, Hardy, em um discurso na Trinity, chamou a atenção para as capacidades de seu discípulo, que em um tempo curto demonstrou seis mil teoremas que estavam incompletos e que, sozinho ainda na Índia, recriou, depois ultrapassou, todo o esforço matemático da civilização. Salientou que a história do pensamento humano ainda não tinha conhecido outro exemplo como esse e que aprendera com ele que as fórmulas matemáticas já existem, elas não precisam ser inventadas, bastava ter uma mente livre para imaginar e dar curso ao pensamento. Hardy, um ateu convicto e com uma vida dedicada somente à matemática, concluiu sua fala fazendo um questionamento: por que um ser humano tem um conhecimento tão superior ao dos seus pares contemporâneos e, às vezes, um conhecimento que atravessava a história da humanidade? Talvez seja um caso de reencarnação ou, uma química entre mente e corpo para tentar explicar o inexplicável. Creio ser esse um bom exemplo de realismo mágico entrelaçado com a ciência.

Na sua volta à Índia, Ramanujan, conversando com sua esposa, lhe diz que a matemática é como uma pintura na qual não se enxergam as cores e na qual os números seriam entidades vivas e de natureza sublime. Referia-se, provavelmente, aos sentimentos que lhe despertavam estas percepções e o que leva a drenar suas energias para a matemática em um processo de sublimação que descreverei a seguir.

## Sublimação

A palavra sublimação é um derivado de sublime, que provém do latim *sublimis*, cujo significado é elevado, engrandecido, enaltecido ou glorificado.

Psicanaliticamente, o conceito de sublimação é muito claro: consiste em desviar as pulsões sexuais parciais de seus fins sexuais diretos e orientá-los a outros fins não sexuais. Esses fins não sexuais devem ser aceitos pela cultura, ter um fim mais elevado, ser socialmente útil e enriquecer o indivíduo e a sociedade.

Acredito que todos esses elementos podem ser encontrados na obra do matemático hindu.

Ainda que Freud tenha utilizado a palavra sublimação pela primeira vez em sua correspondência com Fliess, na carta nº 61 de 2 de maio de 1897, o conceito só aparece em 1905, nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, quando trata das relações entre algumas formas de defesa e a sublimação. Acredita que essas defesas se constituem em diques importantes para a cultura e para o desenvolvimento e estabilidade emocional do indivíduo e que o processo de sublimação remonta a pulsões sexuais dos primeiros anos da infância. Chama essas pulsões de perverso polimorfas, pois não se destinam à reprodução, que ainda não apareceu para a criança, e também afirma que provocam sensações desprazerosas e angustiantes que precisam encontrar um caminho para o alívio, que é a sublimação.

Ao revisar o conceito de sublimação ao longo de sua obra, constatei que ela sofreu muito poucas variações no transcurso do tempo e que Freud se refere à sublimação em seus últimos trabalhos quase com as mesmas palavras com que as enunciou inicialmente. Freud trata da sublimação em grande número de seus trabalhos, mas nunca escreveu um artigo dedicado especialmente ao tema.

Na opinião de Laplanche e Pontalis (1971), isso não foi possível porque as bases conceituais sobre as quais a sublimação deveria se apoiar – o descobrimento da sexualidade infantil, de natureza perverso polimorfa e suas vicissitudes – revolucionaram o pensamento científico de sua época e criaram forte oposição no ambiente moralista e preconceituoso de Viena, de modo que Freud teve de fazer concessões para levar adiante o seu projeto científico. Destino semelhante teve Ramanujan que, para ver suas ideias publicadas e para que sua obra não morresse com ele, precisou assistir as aulas que detestava, como menciona em um dado momento a Hardy.

Para que ocorra a sublimação é necessário que as pulsões pré-genitais passem por um processo de transformação. Este consiste na retirada das metas originais sexuais e na busca de descargas em atividades distantes das metas originais. Exemplos disso são o amor entre pais e filhos, a ternura conjugal e os vínculos

fraternos com pessoas do mesmo sexo, como podemos observar na amizade entre o hindu e Hardy, cuja natureza homossexual teria sido sublimada.

Freud trata de investigar profundamente os efeitos causados pela sublimação das pulsões pré-genitais que sucumbem à repressão. No caso do pequeno Hans (1909/1975), o pai observa que, a partir da angústia e da repressão, o menino desenvolve um processo de sublimação que se manifestou por um intenso interesse pela música, e assim começou a florescer seus dotes musicais hereditários.

Os amigos de Ramanujan, por sua vez, ao verem a sua inquietação, ofereceram-lhe o livro de um célebre matemático de nome George Shobridge, com seis mil teoremas inconclusos. O efeito que a obra produziu no jovem hindu foi fantástico e seu cérebro começou a funcionar freneticamente e de maneira incompreensível para eles, concluindo a resolução dos teoremas em um mês.

Em *Uma lembrança infantil de Leonardo da Vinci* (1910/1971), referindo-se aos possíveis caminhos dessas pulsões infantis reprimidas, Freud considera o mais eficaz e o menos frequente, aquele no qual a repressão não inibe o pensamento. Assim, uma repressão total impediria o processo de sublimação. Ao contrário, já Ramanujan, embora distante, desejava sexualmente sua mulher. Ao contrário, Hardy só vivia para a matemática, e talvez sua notável capacidade residisse numa férrea disciplina. Sua sexualidade inibida talvez possa ter sido manifestada no fascínio pelo jovem hindu. No entanto, a utilização dessas pulsões para fins criativos implica diminuir a energia para combater e neutralizar a carga destrutiva e desagregadora da pulsão de morte, presente em todos nós.

Ramanujan, preso aos seus costumes éticos e religiosos e à escassez de uma guerra devastadora, alimenta-se pouco. Aliado ao cansaço extenuante do trabalho, quase não dorme e, provavelmente, em função da diminuição de suas defesas imunológicas, contrai tuberculose, doença que o levará à morte.

As considerações aqui expostas nos levariam a supor que, a partir da sublimação e de outros fatores como a intuição e a imaginação desempenham um papel decisivo no ato criativo. No entanto, Ramanujan comentou à sua esposa que acreditava que podia enxergar os números a partir do fato de perceber, discernir e pressentir coisas, independentemente do raciocínio ou da análise do que lhe surgia à mente. Reiterava que tudo o que imaginava encontrava-se em uma dimensão metafísica. Do mesmo modo, o pai de Mozart, impactado com a capacidade do filho em compor e se apresentar à realeza europeia aos cinco anos, considerou tal evento um milagre divino. Trata-se, portanto, de um tema complexo e que segue desafiando o nosso conhecimento sobre a criatividade.

Freud foi um homem fascinado pela arte. Isso não é de se surpreender, pois sua pesquisa se faz no interior de toda a manifestação da natureza humana, e

ele dificilmente poderia deixar de se contagiar por essa exclusiva conquista do homem- a arte.

Strachey lista nada menos do que 22 artigos de Freud que tratam, direta ou indiretamente, de obras de arte específicas de alguns artistas ou de problemas gerais da criatividade artística. A descoberta da fantasia inconsciente e do simbolismo por Freud propiciou uma perspectiva nova e aprofundou a compreensão da expressão simbólica suprema da fantasia: a arte. Sua contribuição à estética é incalculável e o é apesar de sua aparente falta de interesse pela estética. Ele comentava que ficava mais atraído pelo conteúdo de uma obra de arte do que por sua forma, embora entendesse que, para o artista, esta última é que era de interesse predominante.

Para Freud, portanto, o principal interesse era fazer surgir conflitos e fantasias inconscientes incorporados numa obra de arte. Alguns de seus artigos têm em mira uma psicobiografia do artista, utilizando as obras de arte como reveladoras dos conflitos internos e da história psicológica do autor. Em *Leonardo da Vinci e uma lembrança da infância* (Freud 1910/1971), utilizando dados biográficos escassos, uma lembrança encobridora da infância e duas de suas pinturas — A Mona Lisa e Sant’Ana, a Virgem e o Menino —, procura reconstruir o desenvolvimento psicosssexual de Leonardo. No ensaio sobre *Dostoiévski e o parricídio* (Freud 1928/1976b), mediante uma análise de *Os Irmãos Karamazov* à luz da experiência infantil de Dostoiévski, esclarece a personalidade do escritor e procura explicar sua epilepsia, seus jogos de azar e sua postura moral.

Essa abordagem tem sido criticada a partir de diversos pontos de vista. Mas o maior valor dessas psicobiografias não é a reconstrução da infância do artista, mas a descoberta de fantasias expressas pela obra de arte. Algumas vezes seu estudo do trabalho artístico levou a novas descobertas. Assim, seu livro sobre Leonardo introduziu, pela primeira vez, a descrição de certa forma de narcisismo e de escolha de objeto narcísica. Em *Dostoiévski e o parricídio*, ele amplia o conhecimento do complexo de Édipo e do parricídio.

Outro aspecto que interessava Freud era a habilidade do artista de imbuir suas personagens de um inconsciente sem que se desse conta disso.

Assim, em *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen* (Freud 1907/1976a), analisa o sonho da personagem principal em associação com os delírios dessa personagem, mostrando que o escritor tinha uma percepção inconsciente do significado do sonho. Há um exemplo divertido disso em sua breve análise de conto de Stefan Zweig, *Vinte e quatro horas na vida de uma mulher* (Freud 1928/1976b). A heroína é uma viúva cujos filhos crescem e não precisam mais dela. Ela se apaixona por um jovem jogador da mesma idade de seu filho mais velho. Freud relaciona a paixão

da mulher pelo jovem com a perda de seu filho e, por intermédio dessa ligação, mostra o conteúdo edípico da história. O fato interessante é que o próprio Stefan Zweig não percebeu a conexão, isto é, o fato de o autor ter dado a mesma idade do filho ao amante. Ele achava que foi puramente accidental. Um escritor poderia ter escolhido tal sequência de forma deliberada e estar bastante consciente das conexões, mas Freud mostra que o conhecimento intuitivo, inconsciente de tais padrões, é o que caracteriza o artista.

No entanto, Freud pergunta: o que nos faz apreciar esse mundo de fantasia, esses devaneios do poeta? O que nos faz aceitar os desejos reprimidos, inaceitáveis à consciência expressos pelo artista?

Freud dá uma resposta tríplice. Primeiro, a fantasia do escritor deve perder seu caráter puramente egocêntrico e se aproximar de algo universal. Segundo, o desejo reprimido e inaceitável à consciência está parcialmente disfarçado. Ele pode ser disfarçado de modo similar aos disfarces do sonho. E, terceiro, o artista nos dá o prazer estético que nos distrai do pensamento oculto – um prazer que nos suborna a aceitar o pensamento escondido.

Como salientou Segal (1991/1993), em 1924, na Sociedade Britânica de Psicanálise, Roger Fry leu um artigo intitulado *The artist and psychoanalysis* que é considerado a melhor exposição da crítica recorrente de que a abordagem psicanalítica da arte carece de valor uma vez que se concentra na superficialidade da satisfação do desejo e no fato de que é mais importante o conteúdo, enquanto a essência da arte é sua forma. Além disso, faz objeção à ideia de simbolismo em arte.

No entanto, Fry comete uma injustiça com Freud ao referir-se à superficialidade da satisfação do desejo e criticá-lo por dar mais importância ao conteúdo. No trabalho sobre Moisés e o Monoteísmo, Freud mostra como a arte é mais um trabalho do que um devaneio superficial. O próprio artigo é uma verdadeira obra de arte. Nele, Freud faz uma análise minuciosa da posição da barba de Moisés, de sua mão direita e das tábuas que se presume que essa mão segura e, assim, descreve “os meios” pelos quais o artista alcança seu efeito. Ele vê em Moisés um grande homem dominando uma grande ira. Essa emoção é expressa por um movimento. Rodin, em seus Diálogos, também enfatiza que a emoção é expressa pelo movimento. Outras análises de Rodin aproximam-se de Freud quando o primeiro afirma que uma escultura comunica, a partir de vários ângulos, diferentes emoções inconscientes.

Freud sustenta que o que nos prende tão poderosamente a uma obra só poderia ser a intenção do artista ao expressá-la, fazer-nos compreendê-la. Percebe que isso não pode ser simplesmente uma questão de compreensão intelectual; sua

intenção é despertar em nós a mesma atitude emocional que produz no artista o ímpeto de criar. (Freud 1914/2004, p. 212)

Freud, porém, viu-se perplexo com um duplo problema: “de que fontes esse estranho ser, o escritor criativo, extrai seu material” e como ele “consegue produzir em nós emoções das quais, talvez, nem mesmo nos julgássemos capazes de possuir”? (Freud 1908/1969b, p. 143)

Freud estava ciente de que essa é uma questão crucial, mas não tinha a pretensão de saber a resposta tal qual Ramanujan frente às suas intuições matemáticas.

### **The man who knew infinity art, sublimation and creativity in psychoanalysis**

**Abstract:** Based in the movie “The man who knew infinity”, the author seeks to relate art, sublimation and creativity in psychoanalysis. He compares the mathematician Ramanujan to the exceptional intelligence of Leonardo da Vinci. For him, the both of them would follow a logic in which representations of thought would articulate in an infinite perspective. He considers that a subjectivity excess would disturb his scientific spirit, once he would, in his intense mysticism, imagine his equations without understanding what they meant, for he was receiving them in dreams from the goddess Namagiri. It highlights the relation between the pulse sublimation that succumbs to the repression with creativity, for the art communicates something from the artist’s internal conflicts. Finally, Freud is quoted, defending that what strongly connects us to an artwork is its intention of flourishing in us the same emotional attitude that produced the artist’s desire of creating it.

**Keywords:** Art. Creativity. Freud. Psychoanalysis. Sublimation. Ramanujan.

## Referências

- Freud, S. (1968). *Correspondencia Freud – Zweig*. Barcelona: Ed. Gedisa.
- Freud, S. (1969a). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade infantil. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 7). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (1969b). Escritores criativos e devaneios. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 9). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1908)
- Freud, S. (1971). Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 11). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1910)
- Freud, S. (1975). Análise de uma fobia em uma criança de cinco anos. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 10). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1909)
- Freud, S. (1976a). Delírios e sonhos na Gradiva de Jansen. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 9). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1907)
- Freud, S. (1976b). Dostoievski e o parricídio. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1928)
- Freud, S. (1976c). Moisés e a religião monoteísta. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 23). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1934)
- Freud, S. (1986). Carta 61. In *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess - 1887-1904*. (J. M. Masson, Ed.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1950)
- Freud, S. (2004). À guisa de introdução ao narcisismo. In L. A. Hans (Org.), *Escritos da psicologia do inconsciente* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Fry, R. (1924). *The artist and psychoanalysis*. London: Hogarth.

Laplanche J., & Pontalis. L. (1991). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.

Rodin, A. (1911). *L'art* (Dialogues with Paul Gsell). Paris: Gresset

Segal. H (1993). *Sonho, arte e psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1991)

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA  
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 14/03/2020

Aceito em: 15/04/2020

Gildo Katz  
Rua Mariante, 288 / 1208  
90430-180 – Porto Alegre – RS – Brasil  
E-mail: gildokatz@gmail.com